

## Caixa de ferramentas ou supermercado de ideias?

Alain Brossat, *Laboratoire d'études et de recherches sur les logiques contemporaines de la philosophie* (EA 4008)

---

### RESUMO:

Tradução de BROSSAT, A. Boîte à outils ou supermarché d'idées ?. In: BERT, J.-F. & LAMY, J. *Michel Foucault: un héritage critique*. Paris: CNRS, 2014, p. 263-267. Tradutor: Alessandro Francisco.

---

Numa entrevista concedida a um cronista do *Le Monde*<sup>1</sup>, por ocasião do lançamento de *Vigiar e punir*<sup>2</sup>, Foucault retoma por conta própria o motivo da “caixa de ferramentas”, posto em circulação por Deleuze quando de sua entrevista de 1972 sobre os intelectuais e o poder<sup>3</sup>. Inscrevendo-se inteiramente na perspectiva “utilitarista” de Deleuze – a caixa de ferramentas é feita para “servir” as pessoas que lhe têm necessidade, não apenas para “se servir”...–, Foucault flexiona o uso da imagem – do dispositivo? – num sentido crítico: se cada um de seus livros, diz ele, é uma “pequena caixa de ferramentas”, as pessoas podem, sem reserva, pegar nela uma frase, uma ideia, uma análise “como uma chave de fenda ou uma desparafusadeira” – *mas não para um fim qualquer*. É um uso expressamente crítico destas ferramentas que é, ali, autorizado e encorajado: “curto-circuitar, desqualificar, danificar os sistemas de poder, inclusive aqueles mesmos (*sic*) de que meus livros foram provenientes”. “E seria ainda melhor” se, na ocasião, suas próprias ferramentas viessem a se voltar contra ele (Foucault), conclui alegremente.

Quatro décadas – ou quase – mais tarde, o mínimo que se pode dizer é que a primeira parte do convite lançado por Foucault a seus contemporâneos e à posteridade – “entrem e sirvam-se!” – foi amplamente honrada: a disseminação da maior parte de seus conceitos no campo matizado das ciências sociais, e acolá – nas práticas artísticas, na

---

<sup>1</sup> N. T. Alain Brossat refere-se, aqui, à entrevista *Des supplices aux cellules*, de 21 de fevereiro de 1975, concedida a Roger-Paul Droit. Ver FOUCAULT, M. *Des supplices aux cellules*. In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits I, 1954-1975*. Paris: Quarto / Gallimard, 2001, p. 1584 a 1588. O tema da “caixa de ferramentas” aparece na resposta à última pergunta proposta por Droit. Deve-se, entretanto, destacar que o mesmo tema aparece também, e antes, na resposta que Foucault dá à quarta pergunta da entrevista *Carceri e manicomi nel consegna del potere*, publicada na Itália em 03 de março de 1974, concedida a M. D’Eramo. Ver FOUCAULT, M. *Prisons et asiles dans le mécanisme du pouvoir*. In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits I, 1954-1975*. Paris: Quarto / Gallimard, 2001, p. 1389-1393.

<sup>2</sup> 1975.

<sup>3</sup> DELEUZE 2002, p. 290 ; FOUCAULT, 1975, p. 720, DE 151.

arquitetura e nos estudos estratégicos, sem esquecer das faculdades de teologia... –, prematuramente iniciada, não deixou de acelerar desde a virada do século. Uns fazem seu mel das “heterotopias”, outros mantêm propositadamente a confusão entre “governança” e “governamentalidade”. *Vigiar e punir* tornou-se a bíblia dos formadores da *Escola Nacional da Administração Penitenciária* (ENAP); a analítica dos poderes apaixona os professores de ciências políticas; a crítica das disciplinas satisfaz os trabalhadores das áreas sociais; etc. Há mais de três décadas os textos de Foucault, seu ferramental conceitual, mesmo aquele recém esboçado – “espaços outros” –, irrigam as ciências sociais e agem em todos os domínios como um formidável *intensificador de pensamento*. Mas concluir daí que estes empréstimos e este trabalho de redistribuição de suas ferramentas destinam-se a danificar “os sistemas de poder”... é outra coisa.

É interessante que, durante os quinze ou vinte anos ao longo dos quais a instituição filosófica universitária francesa inflexivelmente deixou Foucault *diante da porta*, como o primeiro K.<sup>4</sup> advindo, sua influência se estendeu de modo líquido – a liberdade da água, aludida por Hobbes, se esparge quando a ânfora se quebra –, contornando o obstáculo do *bunker* filosófico universitário francês *via* ciências sociais, primeiramente, e *via* sua recepção norte-americana, em segundo lugar. Foucault *passou*, portanto, pelas ciências sociais antes que se tornasse possível e mesmo vantajoso, para um estudante de filosofia que aspirasse a ensinar na universidade, apresentar uma tese sobre ele. Deste desvio, Foucault voltou evidentemente modificado, por vezes um pouco incognoscível – um jogo de transformações e de máscaras que não teria sido feito obrigatoriamente para descontentá-lo...

Mas o que é assegurado, justamente, é que este frenesi de artefatos foucaultianos que se apossou, por exemplo, da sociologia da saúde francesa antes que a foucaultologia científica fosse reconhecida aos olhos do *Conselho Nacional das Universidades* (CNU) de Filosofia, participava de tudo, salvo do intuito de lesar os “sistemas de poder”. Ao contrário, para a disciplina, tratava-se de recorrer a Foucault para responder aos desafios que lhe lançavam tanto o aparecimento de novos fenômenos entrantes em seu campo – dos quais, em primeiro lugar, a AIDS, naturalmente –, quanto todo um registro inédito do governo dos vivos e do vivo – procriação, interrupção da gravidez, fim da vida, transplantes, punções etc.. Num contexto como este, a caixa de ferramentas, destinada a abrir as portas da biopolítica e do biopoder, se revela providencial, não tanto para incitar

---

<sup>4</sup> N.T. Possível referência ao personagem K., um agrimensor, do romance *Das Schloss*, (*O Castelo*), de Franz Kafka.

a disciplina a se desterritorializar ou a dar-se um devir-subversivo, senão, mais simplesmente, para ajudá-la a manter-se à altura das solicitações intelectuais que lhe lança esta nova atualidade – e, portanto, a manter seu lugar face à medicina, à autoridade sanitária, às outras subdisciplinas da sociologia...

Outros muitos exemplos mostrariam que Foucault seguramente *superestimou suas forças*, isto é, notadamente subestimou o formidável *poder de normalização, de absorção*, ou, como se dizia – pejorativamente – nos anos 1970, de *recuperação* da “potência do pensamento” (Agamben) pelas disciplinas e pela instituição universitária, quando atribui uma função objetiva de perturbação e de desmobilização dos poderes à sua caixa de ferramentas. Esta não foi, no já longo curso ulterior das coisas, nem a caixa de Pandora, nem a máquina infernal que imaginava, ao menos no campo das ciências sociais – o aspecto *utilitário* superou, e de longe, o aspecto contestador e subversivo.

Tomemos outro exemplo que, por ser anedótico e vagamente derrisório, não é menos expressivo. Numa entrevista de 1976, concedida aos *Cadernos do cinema* por ocasião do filme de René Alio *Eu, Pierre Rivière...*, Foucault se orgulha de ter “reduzido ao silêncio” os criminólogos, psicólogos e psiquiatras publicando a memória de Pierre Rivière, exceto, ele precisa numa incisão particularmente ofensiva, por “uma tola, uma psicanalista, que declarou que Rivière omite a própria ilustração da paranoia em Lacan”<sup>5</sup>. O vigor da apóstrofe – não é todos os dias que se trata publicamente o contraditor ou objetor por “tolo” em nosso meio civilizado – incita o pesquisador escrupuloso a restituir seu nome à “idiota” e a se debruçar, portanto, sobre uma obra de Elisabeth Roudinesco intitulada *O inconsciente e suas cartas* – obra que lamentavelmente não figura na notícia do autor na Wikipedia – cujo capítulo II é intitulado *O Schreber dos pobres*<sup>6</sup>: *a propósito da Memória de Pierre Rivière*. Dentre as passagens capazes de suscitar a ira de Foucault e a invectiva em retorno, destacar-se-á a seguinte: “‘olvido’ da paranoia, num livro [aquele que Foucault e seus colaboradores consagraram a Rivière] que denuncia que a dupla anexação do louco realizada pela justiça penal e pelo saber psiquiátrico tem o sentido de um sintoma: ele arrisca manter o espaço do delírio no próprio lugar em que o inscreve o discurso dominante, respondendo à anexação repressiva pelo ideal da proteção exemplar [...]. No reino dos miseráveis, o camponês paranoico reina déspota, assumindo, pela presença de seu corpo

---

<sup>5</sup> FOUCAULT 1976, p. 98, DE 180.

<sup>6</sup> N.T. Elisabeth Roudinesco faz, aqui, alusão a Daniel Paul Schreber (1842-1911) e às suas *Memórias de um Doente dos Nervos* (1903).

já rígido, a ausência do soberano morto. O esquecimento desta dimensão da paranoia é muito parecido com uma caducidade, fazendo de uma defesa do delírio o discurso exemplar de um gesto em que estão de volta o retrato apologético do revolucionário do campesinato explorado, à falta de uma teoria do inconsciente, o vazio de uma teoria inexistente da luta das classes”<sup>7</sup>.

Suponhamos que o furor de Foucault não encontrou, aí, material para se exercer somente na determinação da psicanalista em diagnosticar/classificar o “caso” Rivière – mas igualmente no desprezo social pelo plebeu que ela destila em cada linha deste texto.

Voltemos ao remetente. Em uma nota de rodapé de uma obra publicada no ano seguinte, *Para uma política da psicanálise*, Elisabeth Roudinesco extermina, sem uso de luvas, *A vontade de saber* – publicado em 1976: “este belo livro, de uma erótica preciosa (*sic*), é uma aposta impossível. Propõe-se a fazer a história do sexo contornando a questão do avanço freudiano e negligenciando de modo perspicaz a ruptura que ele opera. Nele, fala-se do sexo numa historicidade feita de emergência e de discurso e na recusa absoluta de aí fazer figurar o lugar do desejo e do inconsciente”<sup>8</sup>.

O fato admirável é que nem esta troca de amabilidades, nem o embaraço rótulo de tola de prontidão atribuído pelo próprio mestre, impediram E. Roudinesco de contribuir para a difusão do pensamento de Foucault, na qualidade de reconhecida *expert*, por ocasião de uma multidão de encontros, debates e outras manifestações “científicas”. Em 2008, por ocasião de um colóquio muito frequentado, intitulado *Loucura e justiça: reler Foucault*, ela embarca Foucault, ao lado da psicanálise, em sua cruzada contra o DSM<sup>9</sup> e o novo obscurantismo psiquiátrico vindo de ultramar. Sem nada esconder dos diferendos que puderam opor o autor da *História da loucura* ao poder/saber de que se faz vigária, ela pleiteia uma paz dos bravos, atribuindo ao livro de Foucault, com liberalidade, o estatuto de monumento que faz “parte do patrimônio cultural [...] comentado nas universidades de letras e ciências humanas do mundo inteiro” – uma maneira como outras tantas de pagar seu tributo à potência do pensamento sem voltar aos julgamentos expedidos de antanho<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> ROUDINESCO, 1975, p. 70-71. Agradeço a Orgest Azizaj que chamou minha atenção para este texto. Destacamos que Elisabeth Roudinesco é atualmente Presidente da *Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise*.

<sup>8</sup> ROUDINESCO, 1977, p. 87.

<sup>9</sup> N.T. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, publicado pela *Sociedade Americana e Psiquiatria*.

<sup>10</sup> CHEVALIER & GREACEN, 2009, p. 40.

Tem-se aqui uma muito bela “lição” de capitalismo líquido adaptado ao domínio das ideias e à cena intelectual. Um pensamento forte, surgido no campo da filosofia, suscita, num primeiro momento, todas as espécies de resistência e mostra-se “perigoso” para a instituição acadêmica da filosofia – mesmo quando o gesto que o sustenta não é tão explicitamente dissidente quanto aquele de um Nietzsche ou de um Foucault – destaquem-se os desacertos de Bergson com a Sorbonne. Mas, inelutavelmente, o processo de irrigação dos espaços mais variados da vida intelectual e cultural por este pensamento novo assegurará sua notoriedade e acelerará sua recepção, de bom ou mau grado, pela filosofia dos professores. Hoje, as ciências sociais tornaram-se um *mercado de ideias* em constante busca de novos produtos, de novas palavras cintilantes, de novas máquinas de pensar. Um pensador como Foucault, cuja imaginação conceitual era prodigiosa e que, como o dizia Blanchot – mas a propósito de Kafka –, “jamais escreveu uma banalidade”, constitui um presente vindo do céu para disciplinas naturalmente voltadas à jardinagem (Z. Bauman) de seu gramado, mais do que à criação de conceitos (Deleuze). Mas poder-se-ia, inversamente, dizer o mesmo de Bourdieu, na medida em que foi, há algumas décadas, o kit de primeiros-socorros – melhor que a caixa de ferramentas! – do marxismo de cátedra – da filosofia marxista – ofegante.

Finalmente, como “imagem-conceito”, esta própria noção não é o que Deleuze e Foucault inventaram de melhor. Poder-se-ia, talvez, parodiando uma certa “tola”, ver aí o *sintoma da potência do obreirismo* nos meios intelectuais dos anos 1970. Vocês imaginam Foucault e Deleuze como artesões ocasionais?

Eu, de modo algum.

### **Referências bibliográficas**

- CHEVALIER, P. & GREACEN, T. *Folie et justice : relire Foucault*. Paris : Erès, 2009.
- DELEUZE, G. Les intellectuels et le pouvoir. In : DELEUZE, G. *L'île déserte e autres stextes*. Paris : Éditions de Minuit, 2002.
- FOUCAULT, M. Des souplices aux cellules. In : FOUCAULT, M. *Dits et écrits 1954-1988*. T. II : 1970-1975. Paris : Gallimard, 1994, p. 716-720 (DE 151).
- FOUCAULT, M. Entretien avec Michel Foucault. In : FOUCAULT, M. *Dits et écrits 1954-1988*. T. III : 1976-1979. Paris : Gallimard, 1994, p. 97-101 (DE 180).
- ROUDINESCO, E. *L'inconscient et ses lettres*. Tours : Mame, 1975.
- ROUDINESCO, E. *Pour une politique de la psychanalyse*. Paris : François Maspero, 1977.

Alain Brossat, autor  
Université Paris VIII  
Laboratoire d'études et de recherches sur les logiques contemporaines de la philosophie  
(EA 4008)

Alessandro Francisco, tradutor.  
Doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da PUC/SP,  
Cotutela na *Université Paris VIII – Vincennes/Saint-Denis*.  
Membro do Grupo de Pesquisa Michel Foucault (PUC/SP)  
E-mail: alessandro.fco@terra.com.br